

# A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO • CULTURA • RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 48 - A  
MONTIJO

DIRECTOR  
RUY DE MENDONÇA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — MONTIJO

Ex.º Sr.  
Manuel Giraldes da Silva  
RIO FTIO

No próximo número «A Província» publicará uma oportuna entrevista com Sua Excelência o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil do Distrito de Setúbal

## PRESENÇA

O Chefe do Estado Português, Sua Ex.ª o Senhor General Craveiro Lopes, partirá no próximo mês de Maio de visita às províncias ultramarinas de Cabo Verde e Guiné.

Tal como o ano passado, em S. Tomé e Angola, o Chefe do Estado terá ocasião de verificar o magnífico esforço desenvolvido por nossos irmãos portugueses em pród dessas parcelas da Nação, dispersas pelo Continente Africano.

A presença do nosso venerando Presidente em terras localizadas longe da mãe-pátria é mais uma vez afirmação iniludível de que constituímos sem possíveis defecções, uma inalterável unidade, uma mesma família, uma mesma alma, um único povo, — uno e indivisível, —

caminhando com segurança, firme nos seus fundamentos históricos, e disposto a justificar com atitudes as palavradas dos seus governantes.

Da outra viagem Presidencial, que se anuncia para Outubro, a convite de Isabel II — Rainha da Grã Bretanha — queremos também arquivar nestas colunas nosso depoimento.

A presença do Chefe do Estado português, em Inglaterra, a convite oficial da Soberana Inglesa, provoca em nós, fortes lembranças dum passado próximo, em que as duas Nações velhas aliadas, caminhando trilhos diferentes, obtiveram resultados positivos, iguais.

A Inglaterra tem pelos tempos afora contado com a

amizade portuguesa, esta visita une com firmeza e renova com oportunidade, uma das mais antigas alianças entre nações do mundo.

A presença de Portugal em Inglaterra, ficará por certo marcando uma nova era nas relações entre as duas pátrias e com uma projecção histórico-política que não se pode ainda neste momento determinar.

Duas presenças significativas.

Duas visitas de alto valor e projecção internacional incalculável.

Boa política esta, em que nos colocamos no lugar devido ao nosso passado histórico e nos ajustamos às duras realidades da vida contemporânea. R. M.

## Crónica internacional

= I =

### Winston Churchill

Um grande pensador, um completo político, e um enorme estadista, abandona voluntariamente a luta. Sai da cena política aureolado por um prestígio sem par na história da Grã-Bretanha.

Todo o mundo presta as suas homenagens a Sir Winston Churchill na hora em que ele abandona o cargo de primeiro ministro.

Não podemos numa simples crónica traçar o perfil biográfico do homem que é considerado o maior inglês do século XX.

Queremos no entanto lembrar os passos principais da sua agitada e aventureira vida.

† filho mais velho de Lorde Randolph Churchill e Jennie Jerone, dama americana, Winston Leonard Spencer Churchill nasceu no palácio de Blenheim, em Oxfordshire.

Quando era rapaz, manifestou o desejo de ser soldado. Após alguns anos em Harrow, entrou para a Academia Militar de Sandhurst.

Foi para Cuba e para a Índia, combateu na campanha do Nilo e durante a guerra dos boeres chegou a ter a cabeça a prêmio.

Entrou na política como membro conservador do Parlamento em 1900.

Ocupou tantos cargos ministeriais, que não duvidamos, ter sido o político britânico que até hoje maior diversidade de funções tenha exercido: Ministro do Interior, Primeiro Lord do Almirantado, Chanceler do Condado de Lencaster, Ministro das Municações, Secretário da Guerra, Secretário do Ar, Secretário para as Colónias, Chanceler do Tesouro, Ministro da Defesa e Primeiro Ministro.

Abandona o poder aos 80 anos. Grande orador e escritor extraordinário foi agraciado com o prêmio Nobel.

Quando em Maio de 1940 foi nomeado Primeiro Ministro lançou o seu grande grito de alarme que levou os Ingleses à vitória: — Sangue, suor e lágrimas — três palavras que a sua indomável coragem e eloquência, transformaram em panfleto agitador do brio, honra e prestígio da nossa velha aliada.

A. P.

## Uma toirada trágica

José Peixinho e «Pé de Chumbo» eram compadres e amigos, e na toirada de Evora, dias antes daquela, tinham combinado que o grupo seria chefiado pelo «Pé de Chumbo» no dia 16 e pelo José Peixinho no dia 17.

Nesse dia de trágica memória, era, portanto, José Peixinho o cabo, e devia mostrar decisão e qualidades de dirigentes.

O toiro que ia ser pegado era gravito, — duns que têm a armação muito a prumo e um pouco fechada, e José Peixinho gostava muito de pegar os toiros assim.

Viu o toiro e gostou. Voltou-se de costas para a Praça, em cima da trincheira, e disse para o Director da corrida:

— Patrão! Pode mandar tocar.

O toiro estava nos «médios»; e, entretanto, um bandarilheiro dava-lhes «capotazos» para amornar.

Com grande espanto dos «aficionados» e do Director, o toiro, que até ali tal não fizera, cometeu o seu primeiro derrote.

— (O derrote é o sarilho que o toiro faz com os chifres, dando a impressão de que torce. É aquilo a que se chama cangocha no cavalo, quando este torce o corpo e se furta ao cavaleiro.)

José Peixinho não viu esse derrote porque estava de costas para Praça, como já disse; mas o Director, que vira, não quis mandar pegar.

O público, então, protestou ruidosamente, no que foi secundado pelo valente moço de forçado, ignorante do que se passara.

Como os protestos se avolumassem, o Director voltou-se para o camarote da autoridade, — o Administrador do Concelho, José Madeira Abranches — e disse-lhe que o toiro não estava capaz para ser pegado.

De cima, aquela autoridade replicou:

— Mas o público pede e quer...

Em face desta resposta, o Director mandou tocar «para a unha!»

Era o destino a cumprir sua missão. José Peixinho ia ser vítima desse destino.

Um pouco à esquerda do camarote da «Inteligência», José Peixinho saltou à Praça, seguido pelos companheiros.

O toiro, a distância, escravava o chão e olhava o adversário com surpresa. Tinha os olhos injectados de sangue, arfava continuamente,

e do focinho caíam-lhe fios de grossa baba.

Dum lado o poderio, a força brutal, a ferocidade; do outro a astúcia, o saber, a visão, a coragem.

A luta ia ser tremenda!

O forçado adiantou-se a passos lentos. Via-se que estudava o toiro e procurava conhecer-lhe as intenções...

A certa altura, enérgico e decidido, bateu-lhe as palmas e abriu-lhe os braços. O toiro investiu logo, respondendo ao desafio com presteza e raiva. Ao contacto com o Homem, repetiu o derrote e atingiu-o no baixo ventre.

O forçado foi ao ar e caiu no chão, como que inanimado.

Um grito imenso e doloroso ecoou na Praça. Mas viu-se esta coisa incrível, pasmosa, fantástica, de o forçado se erguer num ímpeto, pela força dos nervos, bater as palmas e abrir os braços ao toiro pela segunda vez.

— Eram os nervos que mandavam, sómente, pois na primeira colhida já a morte o atingira!

E o valente é novamente volteado, arremessado ao ar, e cai na arena de olhos para o céu!

Por

Alvaro Valente

(Continua na página 8)

# MONTIJO DIA A DIA

## Agenda profissional

Médicos

**Dr. António Ferreira**  
da Trindade

Rua Bulhão Pato, 42  
Telef. 026 131 — MONTIJO

**Dr. Alcides Raimundo**  
da Cunha

MONTIJO  
SARILHOS GRANDES

**Dr. Avelino Rocha Barbosa**

Das 15 às 20 h.  
R. Almirante Reis, 68, 1.º  
Telef. 026 245 — MONTIJO

**Dr. Eduardo Gomes**

Telef. 0260 38 — MONTIJO

**Dr. Fausto Eugénio Lopes**  
de Neiva

Das 10 às 13 h.  
R. Almirante Reis, 68, 1.º  
Telef. 026 256 — MONTIJO

**Dr. João Azevedo Coutinho**

Telef. 026 075 — MONTIJO

**Dr. João Filipe Barata**

Telef. 026 026 — MONTIJO

**Dr. Gonçalves Guerra**

CLINICA GERAL

Radioscopias — Diatermia — Onda Curta — Raios Infra-Vermelhos — Raios Ultra-Violetas — Massagens Vibratórias.

Consultório:

Rua Bulhão Pato, 58  
Telef. 026 153 — MONTIJO

## Farmácias de Serviço

De 14ª a 20 de Abril

5.ª-feira, 14 — *Moderna*  
6.ª-feira, 15 — *Diogo*  
Sábado, 16 — *Geraldes*  
Domingo, 17 — *Montepio*  
2.ª-feira, 18 — *Moderna*  
3.ª-feira, 19 — *Diogo*  
4.ª-feira, 20 — *Geraldes*

**Bateria** 12 Voltes,  
Blindada,

ainda com garantia

VENDE-SE

Rua Bulhão Pato, 58 --- Montijo

## Perdeu-se

No mercado 5 de Outubro, uma saquinha branca, com 8 cautelas de penhores. Pede-se o favor a quem achou de entregar no posto da polícia local. Dão-se alvarças.

## A homenagem ao Presidente da Câmara Municipal de Montijo

### Comentários e notas de reportagem

De uma maneira geral, todos os jornais se referiram à manifestação que no domingo 3, se realizou na nossa vila.

Salientamos no entanto «A Voz de Palmela» que pela pena do seu Chefe de Redacção sr. Prof. João Dias Monteiro insere no seu último número um artigo intitulado «A propósito de uma homenagem» do qual trancrevemos os seguintes passos:

«A gratidão é uma das virtudes de alma que, individual ou colectivamente, melhor dão a medida exacta, da formação moral do indivíduo ou espírito colectivo. E tanto mais é de apreciar a gratidão, quando ela floresce impulsiva, espontânea e exuberante — a verdadeira gratidão — quanto é certo a humanidade estar invadida por essa lepra corrosiva e ineficaz que diminui o nível moral do género humano, abalando a ética dum raça e que, em linguagem vulgar se conhece por egoísmo.

Consola e retempera as energias de viver, sentirmos que nem toda a natureza humana enferma dum egoísmo desolador, inibitivo, remetendo o indivíduo, ao exclusivismo dum a vida própria, interesseira. Espíritos há, ainda, que ao bem comum, ao progresso da sua terra natal, dispensam uma parcela importante da sua actividade, encarando com seriedade os problemas locais e sociais, desempenhando os cargos que voluntariamente assumiram com isenção e espírito realizador. Esses espíritos bons causam-nos admiração, provocam-nos profundo respeito, e, em nosso íntimo louvamos o seu nome.

E quando essa actividade é justamente apreciada pelos seus conterrâneos, provocando os mais rasgados

encómios, congregando o maior e mais leal apoio, então, é duplo o nosso regozijo, porque é a gratidão a florir em homenagem ao homem que, sabe passar pela vida, cultivando-lhe o seu verdadeiro sentido, cultivando a arte de viver e que, em frutos do melhor gosto, saboreia a tranquilidade de consciência do dever cumprido.»

Também a rádio por intermédio do programa «Isto é Montijo» do sr. António Vilas Boas, fez interessante e completa reportagem da manifestação, que foi transmitida por Rádio Peninsular, na 2.ª feira, dia 4.

Canha — a freguesia mais importante do nosso Concelho — fez-se representar com algumas centenas de pessoas, vendo-se no cortejo dísticos de saudação e estandartes, não só da Santa Casa da Misericórdia, como também da Casa do Povo e da Mocidade Portuguesa.

É interessante frisar, nestas pequenas notas, que o sr. José da Silva Leite, gosa em Canha de enorme popularidade, motivo porque muitas pessoas se deslocaram exclusivamente para o saudar e conhecer.

Tivemos ocasião de falar com algumas delas, que nos manifestaram o seu entusiasmo pelo obra do sr. José da Silva Leite, o único que nestes últimos anos tem visitado na qualidade de Presidente a freguesia de Canha.

Um pequeno pormenor simpático da manifestação, que foi comentado com muita satisfação e agrado por toda a gente, foi o facto de as nossas duas bandas de música: a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e a Banda Democrática 2 de

Janeiro, terem executado em conjunto o Hino de Montijo.

Queremos também salientar que a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, conseguiu mercê de grandes esforços, estrear neste dia os seus fardamentos novos.

Aproveitamos para saudar a centenária colectividade e apresentar os nossos parabéns.

Já que estamos a escrever sobre bandas de música, anotamos também a homenagem especial que a Banda Democrática 2 de Janeiro promoveu no domingo de Páscoa, executando no Coreto Municipal da Praça da República, um excelente concerto musical. A ideia é

## Os discursos finais

Por absoluta falta de espaço não podemos no último número publicar todos os extractos de discursos proferidos na sessão.

Damos a seguir algumas passagens das palavras proferidas pelo sr. Manuel Soares Póvoas, representante do Afonsoeiro:

«...Quando em 1952 no aniversário da Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense, tive a honra de apontar a V. Ex.ª três das suas aspirações máximas, e não iam decorridos dois anos já o esforço de V. Ex.ª aliado à vontade dos nossos maiores, satisfizeram as primeiras: *A iluminação eléctrica e uma escola primária oficial.*

O Afonsoeiro saía das trevas da sua meninice descuidada e inculta, abria finalmente os olhos e o espírito. O seu património material e moral cresceu e crescerá se continuar a merecer o desvelado interesse de V. Ex.ª para outras aspirações de ordem higiénica como água canalizada, pavimentação e rede de esgotos, que trarão a todos os seus habitantes, e principalmente à infância o alívio de tantos males que os afligem.

Sim, o seu património material e moral cresceu e crescerá, e hoje nesta Festa a V. Ex.ª, traduzindo admiração e agradecimento pela obra realizada como Presidente da Câmara Municipal de Montijo, o Afonsoeiro conscientemente envia-me a dizer das suas esperanças em V. Ex.ª quanto à obra a realizar e juntar à voz de todos o seu muito obrigado...»

## Gazetilha

*Há anos já, que tormento,  
E se torna caricato,  
Findar o ajuntamento  
Na Rua de Bulhão Pato.*

*São homens, mulheres, garotos,  
É difícil a passagem.  
Não se desviam... marotos...  
P'ra quem segue de viagem.*

*Isto assim não pode ser,  
Aquilo tem que terminar,  
E vamos então a ver  
Se a gente pode passar.*

Zé de Montijo

digna das maiores felicitações.

No final da homenagem, foi entregue um lindo ramo de flores, com fitas verdes e amarelas, simbolizando o agradecimento do Povo de Montijo.

Era portadora do ramo, que foi oferecido pela Comissão Organizadora, a menina Maria Manuela R. Machado, que se fazia acompanhar das meninas Maria Lucinda M. Marques, Maria Josete Louro Nunes, Maria Carolina Silva Rebelo e Maria Fernanda Eusébio Gago.

São do sr. Pedro Joaquim Bandeira, secretário da Comissão Administrativa do Asilo de S. José, as palavras que a seguir publicamos:

«...Se desde sempre temos encontrado, na nossa por vezes árdua missão de socorro e amparo aos que os anos incapacitaram de angariar o seu próprio sustento, a par de grandes dificuldades, inestimável apoio moral e financeiro dos habitantes desta vila e seus dirigentes, a verdade é que, nunca tal auxílio se mostrou tão grande e eficaz, como de há três anos a esta parte, isto é, desde que a Presidência do nosso município foi ocupada pelo benemérito José da Silva Leite.

Como exemplo do auxílio que temos recebido, devemos citar o aumento da contribuição da Câmara Municipal de Montijo, de 7.000\$00, antes da eleição do homenageado, para 15.000\$00, depois.

Não só financeiramente fomos ajudados, pois podemos contar sempre com a benevolência e compreensão de sr. Presidente da Câmara Municipal de Montijo, para todos os empreendimentos a que metemos ombros, e sentimos sempre a sua presença a nosso lado, nos momentos difíceis desta Agremiação de Beneficência. Em nome dos velhinhos agasalhados no Asilo de S. José, desejamos deixar bem expresso o nosso: Muito obrigado, sr. Presidente!»

Impermiabilis

R. Almirante Cândido dos Reis, 34 - MONTIJO

**Carvalho & C.ª L. da** AGENTES

no Distrito de Setúbal da última novidade Alemã

## HANHART

START-STOP

O interruptor automático que permite ligar ou desligar automaticamente qualquer aparelho eléctrico a qualquer hora que se desejar,

**HANHART - Start-Stop** faz com que V. Ex.ª:

- Sem sair de casa tenha a mostra do seu estabelecimento acesa ou apagada a qualquer hora que desejar.
- Seja despertado à hora desejada, ao som da música transmitida pelo seu aparelho de rádio.
- Ao levantar-se da cama tenha o seu pequeno almoço já preparado sobre o vosso fogão eléctrico.

Estas são algumas das inúmeras vantagens do

## Hanhart - Start - Stop

# NOTÍCIAS DA SEMANA

## Agenda

### Problemas da nossa terra

#### Visitas

— Deu-nos o prazer de visitar a nossa redacção o dedicado correspondente de «A Província» em Odemira, sr. Mário do Carmo Ferreira.

— Os dias de festa, trazem sempre à nossa terra, a matar saudades, velhos amigos e conterrâneos. Assim, verificamos durante o período da Páscoa a presença em Montijo dos srs. Eng.º José Gil, Celso Onofre Salgueiro, Mário Manuel Mora, Mário Rosado e Francisco Sanchez Bermejo, todos nossos dedicados assinantes que há muito não tínhamos o prazer de abraçar.

#### Partidas e chegadas

— Esteve na nossa redacção a apresentar as suas despedidas o nosso amigo e assinante sr. João da Costa, que acompanhado de seu filho, parte no próximo dia 27 para Angola.

«A Província» deseja-lhe as maiores felicidades no desempenho das suas funções durante a estadia no Continente africano.

#### Bailes

— No Musical «Club Alfredo Keill» realizou-se no domingo de Páscoa, à noite, um animado baile, com a colaboração do excelente conjunto, «José da Silva» do Barreiro. «A Província» agradece o convite enviado.

#### Aniversários

— Completou no passado dia 8 mais um aniversário natalício o nosso prezado assinante sr. Manuel Lopes Correia, pelo que vivamente o felicitamos

— Na passada 4.ª-feira dia 13, comemorou também o seu 7.º aniversário a menina Maria Manuela Lucas Onofre, filha do nosso prezado assinante, sr. Luís Onofre.

«A Província» envia-lhe os seus sinceros parabéns.

#### Falecimentos

— No passado dia 27 de Março faleceu em Montijo, a sr.ª D. Josefina Rita de Sousa Oliveira, esposa do nosso prezado assinante sr. António Luís de Oliveira.

A extinta era mãe das sr.ªs D. Adelaide Sofia de Oliveira Rodrigues, D. Sara Angélica de Oliveira Fernandes e dos srs. António Luís de Oliveira, e José António de Oliveira e avó de D. Maria Augusta de Oliveira e do sr. José Teodoro de Sousa Oliveira. A família enlutada em especial ao sr. António Luís de Oliveira «A Província» apresenta sentidos pêsames.

#### Doentes

— Encontra-se internado no Hospital de Santo António dos Capuchos a esposa do nosso dedicado assinante sr. José Joaquim Rebelo, a sr.ª D. Cesaltina Nogueira Rebelo que ali foi operada no passado dia 6.

— Também em 2 do corrente foi operado no Hospital de S. Luís em Lisboa o sr. Jorge Manuel Mora do Vale, filho do sr. Dr. Alberto Cardoso do Vale, ilustre Conservador do Registo Civil desta vila. «A Província» deseja sinceramente o pronto restabelecimento dos doentes.

**João Francisco Rodrigues**  
(Serrador)

#### Agradecimento

Sua esposa, filhas, genros, netos e mais família, na impossibilidade, de agradecerem a todos que directa ou indirectamente, compartilharam no seu desgosto ou se dignaram acompanhar à sua última morada, fazem-no por este meio muito reconhecidamente.

## A estrada para a Atalaia

Quem por necessidade da sua vida ou até mesmo por turismo, viaje pelas estradas de acesso à nossa terra, verifica que somente a que liga ao lugar de Atalaia se encontra intransitável.

Incompreensível, tanto mais, se atentarmos que aquele lugar, com o seu santuário e a sua moderna e acolhedora urbanização, torna-se não só aprazível para a época de veraneio, como ainda, e isso de projecção do norte ao sul do país, por ser lá que se realiza uma das mais antigas romarias portuguesas, em que manifestações religiosas e pagãs se irmanam para gáudio dos milhares de forasteiros que nesse período festivo do ano, se deslocam até àquele rincão montijense!

O problema pois, daquela estrada, impunha-se ser visto à luz das realidades e parece assim o ter compreendido o sr. Presidente da Câmara a quando da visita ao nosso distrito de Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Obras Públicas.

O assunto foi exposto, e segundo informações que reputamos de fidedignas, parece correr os trâmites burocráticos!

Julgamos saber ainda, da mesma fonte informativa, que já foi votada a verba julgada necessária e que somente há que aguardar a ultimação do caderno de encargos.

Será portanto desta vez que se verá consumado um acto que há já bastante tempo se arrasta, para prejuízo daquele lugar e bastante afecta o concelho?

Parece que sim, e disso deve ser garantia as demarches constantemente efectuadas, quer do sr. Presidente da Câmara junto do

sr. Governador Civil, quer deste perante o sr. Ministro da pasta respectiva.

Oxalá no entanto que a burocracia, que falta transpôr, não seja morosa, e permita que dentro em pouco essa estrada, que é um dos elos mais curtos de ligação com o Alentejo e a nossa freguesia de Canha, se encontre definitivamente reparada.

E por enquanto nós cá vamos esperando, que é uma das virtudes deste bom povo montijense!...

Reporter W

### Incêndio

No passado dia 8 do corrente, declarou-se incêndio a bordo de uma fragata, pertencente ao sr. Anselmo Joaquim Marques, que se encontrava na ponte dos vapores, metendo carga de aglomerados de cortiça.

Dado o sinal de alarme, compareceram no local, os Bombeiros Voluntários desta vila que, com alto espírito de abnegação fizeram dominar o sinistro.

O trabalho foi, a princípio, dificultado pela intervenção dos populares que queriam meter a fragata na fundo ao que se impôs a pericia e a tenacidade dos Bombeiros Voluntários que momentos depois tinha o incêndio dominado e a fragata a flutuar.

Dirigiu o ataque o Aj. sr. Secundino Martins.

### Excursão

às Caldas da Rainha

O Clube Desportivo de Montijo organiza, no próximo domingo, dia 17, um excelente passeio, em auto-carro de turismo, à linda cidade de Caldas da Rainha.

Aliado ao recreio que proporciona tão encantadora viagem, têm os adeptos do futebol possibilidade de assistirem ao prélio que a equipa montijense ali vai disputar.

A partida será às 8 h e o regresso às 18 h. Preço: 47\$50.

AS

**Marcações**

para estes extraordinários

espectáculos

aceitam-se pelo telefone

020047 em Palmela

todos os dias úteis a

partir das 16 h.

## CINE-TEATRO

# São João de Palmela

Tem a honra de apresentar no próximo Sábado 16 às 21,45 e Domingo 17,

às 15,30 e 21,45 (para 13 anos) o grandioso filme Italiano

# ROMÉU E JULIETA

Em fascinante technicolor, que ganhou no último festival de Veneza

O «Leão de Ouro de São Marcos»

e no qual Susan SHENTALL (Julieta)

E

Laurence HARVEY (Romeu)

têm uma interpretação magistral da imortal obra de

## WILLIAM SHAKESPEARE

## MENDICIDADE

Enquanto o problema subsistir «A Província» não deixará de nas suas colunas, o agitar e chamar a atenção dos poderes públicos para a sua solução.

Damos hoje a palavra à nossa leitora, sr.ª D. Laura Bernardes, que nos escreveu a seguinte carta:

Sr. Director:

E' com elevado interesse que venho lendo desde o primeiro número o vosso tão simpático Jornal, e apreciando o vosso interesse em focar aspectos da vida local merecedores da atenção das esferas superiores.

Foi com certa satisfação que li no número três de «A Província» e agora no número quatro que se dispunha a tratar do problema da

(Continua na página 8)

## Transportes públicos

Montijo e Vila Franca de Xira, passaram a estar ligadas desde segunda-feira por carreiras diárias de autocarros da Empresa «A Transportadora Setubalense».

É fora de dúvida uma vantagem e um benefício para os habitantes destas duas vilas que têm assim possibilidade de se deslocarem cómoda e rapidamente de um concelho para o outro, servindo ao mesmo tempo inúmeras localidades atravessadas durante o percurso.

Esta carreira substitui a de Montijo a Samora Correia e tem o seguinte horário: Partida de Montijo às 9,55 e 19,55 Chegada a Vila Franca de Xira às 11,55 e 21,55.

Partidas de Vila Franca de Xira: 7,45 e 17,25 — Chegada a Montijo às 9,45 e 19,25.

## Espectáculos

### Cartaz da Semana

#### CINE POPULAR

5.ª-feira, 14: «A Feiticeira Branca» com «Em Frente Marche»

Sábado, 16: «A Mulher Tigre» (episódios)

Domingo, 17: Início dos espectáculos às 21, 30 «O Prisioneiro do Zenda» (Em Matinée) «O Fundo do Mar Vermelho»

2.ª-feira, 18: «Prémio de Beleza» com «Rival de Texas Jack».

#### CINEMA 1.º DE DEZEMBRO

Sábado, 16: «O Par Ideal» com «Parabéns Senhor Vicent».

Domingo, 17: «Rasputine» com complementos.

2.ª-feira, 18: «Dr. Holl» com «Prelúdio de Glória».

4.ª-feira, 20: «Cavalaria Rusticana» com complementos.

#### CINE-TEATRO SÃO JOÃO — Palmela

5.ª-feira, 14: A's 21,45 (para adultos) o emocionante drama italiano «Tortura de Mãe» com Ivonne Sanson e Amedeu Nazzari

Sábado, 16 e Domingo, 17: O grandioso filme italiano «Romeu e Julieta» com Susan Shentall e Laurence Harvey.



Um conto da Páscoa

## FLORES DE ESTEVA

— Tu ouves, Geseldah? ! Toma-me conta das ovelhas, que eu vou num instante à serra, colher umas pernadas de alecrim. Entra logo em Jerusalem o Jesus da Galileia e querem-lhe deitar ramos, no caminho.

— Vai descansada. Eu olharei por elas.

As Judias oscularam-se e Thulia saiu. Quando dobrava a esquina do quintalão, a irmã gritou-lhe:

— Olh! Corta mais uma manchinha e deita-a por mim. Não te esqueças!

— Combinado, Geseldah. Lá deitarei as minhas e as tuas.

— Olha, Thulia! Por que lado vem Ele?

— Pela estrada da Bethânia. Adeus!

— Adeus!

A judia, no vigor duma juventude florescente, transpôs a porta de Gennat, seguiu algum tempo o curso do aqueduto e meteu ao caminho de Sores, de lajes muito rijas, lançado em tortuosasladeiras, com muros baixos de pedra solta, a um e outro flanco.

No alto da serra, de águas vertentes para o vale de Rephaim, deteve-se para descansar. Vemos Thulia sentada num penhasco, as pernas afastadas, a cara afogueada, com pérolazinhas de suor na testa e no queixo, partido com uma cova que lhe dava uma beleza característica, aquela gaiatice trocista que faz o encanto dalgumas moças nossas conhecidas.

O dia estava quente, o sol embebida de brancura uns cúmulos erradios que boiavam no céu, rebolando sombras pelas abas da serra, rumo leste-oeste. Thulia, para se desencalmar, abanava-se com um ramo de acácia, partido com um torção rápido, da árvore próxima.

Os seus olhos espalhavam-se pelo vasto panorama que do lugar se disfrutava. Miravam o Mar Morto, manso como um vidro, reflectindo os contrafortes dos montes Abarim, riscados por cursos de água, alguns a despenhar-se em tiras de espuma branca, aqui e além.

Via e Jordão, na sua parte baixa, entrando mansamente no Mar Morto, a dois passos da aldeia de Beth Jesimoth; e umas nesgas do deserto de Judá, em cujas margens pastavam rebanhos, movendo-se lentamente, como larvas, na verdadeira escassa que topavam.

A cidade, dali, era linda. Lá divisava ela os principais edifícios da urbe superior, o Golgotha, as piscinas, o templo, os subúrbios... E suspendeu por momentos o rústico leque, porque a surpreendeu um movimento anormal em volta de Bethânia, na margem esquerda do Cedron. Devia ser por causa de Jesus, que se preparava para entrar em Jerusalem.

Não havia tempo a perder. Fora, já, das hortas e olivais particulares, a judia procurou num flanco da colina os melhores alecrins que lá havia, e curtiu arceãs, e algumas flores de esteva que abriram nessa manhã, grandes pétalas brancas como linho ensaboado, retalhos de neve a animar a verdura da serra.

Com o enorme braçado de flores campestris dos montes de Judá, diante de si, Thulia veio descendo cautelosamente, a calcular, por cima do molho, onde devia pôr os pés.

Voltou a entrar na cidade e atravessou-a, coradilha e feliz por levar um pouco da sua simpatia ao

Por

Dr. Cabral Adão

Mestre galileu, que só espalhava a felicidade e o amor à sua volta. Nos quintais cortavam-se palmas e ramos de oliveira, com entusiasmo. Os judeus convertidos ao Novo Amor cruzavam ruas e largos, carregados com ramos, ante a indiferença dos fariseus, esses pseudo-crentes que batem no peito para despertar... o que lá não têm!

Na entrada da cidade, junto da Piscina Probática, era muito o povo que se juntava.

— Já vem na ponte! Traz um grande cortejo de apóstolos e muitos crentes da sua doutrina — anunciavam os garotos.

Thulia juntou com as flores da serra um grande pedaço de calçada ainda a descoberto, de forma que todo o caminho que o Mestre do Novo Amor devia seguir, era uma passadeira de ramarias.

Súbito, na curva do lado da ponte do Cedron assomou a vanguarda do séquito. Os olhos das centenas de judeus que se alinhavam nas margens da rua, fixaram-se no grupo, entre espantados e efusiantes de alegria. À frente, imensas crianças se iam juntando, com ramos de oliveira e flores campestris, estendendo alguns as suas vestes, para Jesus passar sobre elas.

Ele vinha montado numa burra, com um borrico à ilharga, filho dela. Crianças e hebreus gritavam dos fundos peitos:

— Hossana, hossana, oh Filho de David!

— Bendito seja O que vem em nome do Senhor!

Jesus apeou-se e caminhou algum tempo sobre o tapete de ramos. Thulia não despregava os olhos d'Ele, dominada pela santidade pura que essa figura sublime irradiava; e sentiu-se mais feliz quando O viu pisar as flores que colhera no monte, lançadas em seu nome e em nome da irmã. E exclamou também:

— Hossana no mais alto dos Céus!!! Bendito sejas, Filho de Deus, pela Misericórdia de que vens cheio!

A multidão passou, perdendo-se para o centro da cidade, entre gritos de hossanas e invocações plenas de fé.

Thulia, ficando sózinha no passeio, baixou-se para apanhar duas flores que guardaria como recordação desse momento solene e histórico; e meteu-se a caminho de casa, vagarosa e pensativa, acariciando-as com a maior ternura.

Mas eis que um grito sufocado se lhe escapa da garganta e quase deixa cair uma flor das mãos ao notar como estava transfigurada!

Era uma larga flor de esteva, a sua cabacinha cor de creme ao centro, a coifa do estigma humedecida dum melaço cristalino, a sua coroa de estames a rodeá-la, como um resplendor de fios de ouro.

Partindo daí, cinco pétalas amplas, como retalhos da mais fina seda que nos teares se produzisse, mostravam cada uma sua pinta de sangue, rubro, vivo, embebendo-as como se acabasse de lhes cair em cima!

A outra flor que Thulia levava, mantinha as pétalas imaculadas como eram, porque Jesus não as tocara com os pés.

Estava ali o pernício da morte próxima do Filho de Deus — meditava, caminhando distraída. Viu nas flores, uma representação das almas boas: umas apenas brancas; outras chagadas de sangue — cinco pintas, como as cinco chagas — porque reconheceram o Salvador. Mas ambas eram flores da mesma planta! E volvia os olhos ao céu como para ler no azul a explicação de semelhantes mistérios, a linda judia!

Era tarde quando entrou em casa, com a flor nas pontas dos dedos, para oferecer a Geseldah:

— Olha, irmã!

— Ah! Tingiste a esteva?! Que pintas tão vivas! É sangue?

— É o sangue da Redenção, que se há-de verter e espalhar pelas melhores estevas de todo o mundo. E assim foi.

## PIERRE CURIE e Maria Sklodowska

*Pierre Curie, o grande físico que, em colaboração com sua esposa, Maria Sklodowska, descobriu o rádio, esse maravilhoso mineral a que tantos prodígios deve a ciência, nasceu em Paris a 15 de Maio de 1859 e faleceu na mesma cidade, em consequência de um vulgar acidente de viação, a 19 de Abril de 1906, faz na próxima terça-feira, 49 anos.*

*Lembrando aos leitores de «A Província» esta data, damos a seguir algumas passagens da obra da escritora Maria Alicia Dominguez, «O amor na vida dos grandes homens»:*

«As mulheres, mais que nós, amam a vida para vivê-la. Raras são as mulheres de génio. Assim quando, impelidos por algum amor místico, queremos entrar em alguns caminhos anti-naturais, quando dedicamos todos os nossos pensamentos a uma obra que nos afasta da Humanidade, e que nos interessa, temos de lutar com as mulheres». Assim escreve Pierre Curie, investigador científico, que fez importantes descobertas no campo da física. Este sábio, aos trinta e cinco anos, sente-se muito só. Vive no isolamento duma profissão austera. Tem um olhar muito pensativo e uma ligeira aparência de abandono. E' alto, grave e juvenil; inspira confiança porque a sua palavra sempre sensata torna-o limpo e cordial. Assim o vê uma jovem estudante que certa manhã vai pedir-lhe

explicações e conselhos sobre a ciência afim de ambos. Ele está apoiado no peitoril duma janela e à luz crua parece muito mais jovem do que realmente é. Corre o ano de 1894. Uma grande simpatia une imediatamente a jovem polonesa ao sábio da França. Ela vive inteiramente dedicada à sua obra e aos estudos. Logo depois de um idílio infeliz, repele toda a possibilidade de casamento ou de companhia amorosa. O fracasso sentimental produz em Maria Curie uma profunda humilhação; não foi aceita pelos pais de seu noivo porque ela ganhava a vida como professora.

«As mulheres de génio são raras». Pierre Curie é muito reservado para tratar com as damas. Tem uma elegância natural, muito interessante. Seu olhar examina um horizonte longínquo e as mãos longas e sensíveis acusam um espírito delicado. Curie é, à primeira vista, um homem de raro valor moral e de inteligência pura e profunda.

Maria — cujos olhos cinzentos de grande expressão nunca se detêm nos homens — tampouco olha para este;

(Continua na página 9)

## A semana histórica

Coordenação de Frei Agostinho de Penamacor

ABRIL

Dia 14 — 1786 — Partiu Bocage para a Índia.

Dia 15 — 1846 — Revolta no Minho, conhecida pela Maria da Fonte.

Dia 16 — 1581 — No Convento de Cristo, em Tomar, foi aclamado Filipe I, Rei de Portugal.

Dia 17 — 1295 — Morreu Gualdim Pais, Mestre da Ordem de Cristo.

Dia 18 — 1179 — O Infante D. Sancho (D. Sancho I), desbarata um exército árabe em Beja.

Dia 19 — 1847 — Foi mandado sair do Reino, José da Silva Cabral, irmão do Conde de Tomar.

Dia 20 — 1879 — Chegou a Lisboa o intemerato explorador dos sertões africanos, Major Serpa Pinto.

## A origem do chá

Eis o que Venceslau de Moraes, pelo seu culto das coisas orientais, nos conta da origem do chá:

Segundo a tradição da gente japonesa, Duramá, o grande apóstolo do budismo, veio à China aí pelo começo do século VI da nossa era cristã, e em terras chinesas pregou em honra da verdade, iluminando o espírito dos povos. Consta que, por voluntária desistência das efémeras alegrias terreaes, Duramá votou-se a passar a vida de joelhos sobre o solo pedregoso, absorto em contemplações místicas, sem mesmo permitir-se o simples regalo de dormir.

Tantos anos passou de

tal maneira, que as pernas se lhe gastaram, claro está; e é assim, sem pernas, só com a cabeça e o tronco, envolto de um manto carmesim, que ainda hoje é figurado.

Consta mais que, em certa noite, as pálpebras se lhe cerraram de fadiga, e o bom

No próximo número:

**Barristas alcobaenses**

Um estudo inédito do jornalista

**Luís Bonifácio**

# DESPORTOS

*A jornada de domingo*

## Um triunfo nas Caldas pode levar-nos aos primeiros lugares

O C. D. M. que iniciou a 2.ª Fase nas piores condições, criou no espírito dos seus adeptos, com a vitória obtida no Estoril, uma fé ardente na capacidade da equipa, pelo que subiu extraordinariamente a cotação favorável a um bom resultado nas Caldas.

O adversário já conhecido de outras épocas, não é de molde a assustar, pois tem a equipa do C. D. M. real valor para o defrontar e não sair envergonhado da contenda.

Basta para tal que os seus componentes se convençam de que é preciso ganhar e empreguem todo o seu esforço, até à última gota, de suor, de maneira a que possam sair do rectângulo de frente erguida, convictos de que cumpriram a obrigação que lhes é imposta, por terem assumido o compromisso em defender com honra e dignidade o nome e a posição do C. D. M., lidimo representante das actividades desportivas montijenses.

Talvez nos estejamos a tornar fastidiosos, ao repirmos o estafado assunto da «honra», do «querer», da «missão cumprida», da «consciência», enfim daqueles pontos que necessariamente devem constituir preocupação moral do atleta, pois mal deste se confia unicamente nos seus dotes físicos, desprezando uma conduta exemplar fora e dentro do rectângulo de jogo.

O futebolista, hoje em dia, dada a projecção tomada pelo desporto-rei, representa um ídolo para as camadas juvenis, em que todas as suas atitudes e gestos são tomadas como exemplo.

Desta maneira, necessário se torna que sejam esmerados não só na sua educação desportiva, como na educação cívica, base da primeira.

Vem esta «lenga-lenga» a propósito, da preocupação que os jogadores de futebol devem ter em dar sempre tudo por tudo, de maneira

a convencerem o público de que tinham todo o desejo que a equipa saísse vencedora, pois a nós, não nos resta dúvida que ao entrarem em campo e durante os noventa minutos de jogo, outro sentimento os domina que não seja este.

A ilustrar o nosso pensamento, apontamos o jogo com o Estoril, no domingo 3 de Abril, em que a equipa do C. D. M. deu uma lição de querer vencer, fornecendo espectacular surpresa na marcha do campeonato.

Formulamos ardentes votos para que a representação de Montijo, no próximo domingo, nas Caldas da Rainha, honre o nome da nossa terra, exibindo tudo o que sabe e pode, de maneira a dar-nos orgulho e alegria.

Que tenham presente o «feito» do Estoril e voltem a Montijo com mais dois pontos, de modo a figurarem na classificação dentro do lugar que lhes cabe.

M. L.

## Associação de Futebol de Setúbal

Foram marcados para o próximo domingo, dia 17 de Abril de 1955, os seguintes jogos do

**Torneio para disputa de uma Taça**  
(1.ªs Categorias — Reservas)

*Em Setúbal* — Campo dos Arcos, delegado a nomear; Vitória Futebol Clube — Clube Desportivo de Montijo — A's 14 horas.

*No Barreiro* — Campo «D. Manuel de Melo», delegado a nomear; Futebol Clube Barreirense — União F. Clube Moitense — A's 14 horas.

**Escolas de Jogadores**

*No Seixal* — Campo do Bravo, delegado a nomear; Seixal Futebol Clube — Luso

Futebol Clube — A's 10 horas.

*No Barreiro* — Campo «D. Manuel de Melo», delegado a nomear; Futebol Clube Barreirense — Grupo Desportivo da C. U. F. — A's 10 horas.

*No Montijo* — Campo Luis A. Fidalgo — Delegado a nomear. Clube Desportivo de Montijo — Grupo «D. Aleoche-tense», as 10 horas.

## PNEUS MABOR

Todas as medidas para entrega imediata — Montagem e assistência no Posto «MOBILOIL»  
Agentes Oficiais  
Tamarca, L.ª - Montijo

## GALERIA DOS ASES

**Henrique Gimenez San José**  
(GIMENEZ)

*Idade: 29 anos*

*Nascido em: 11 de Março de 1926*

*Natural de: Beasain (San Sebastian)*

*Profissão: futebolista*

*Pêso: 75 kgs.*

*Altura: 1,76 metros*

*Iniciou-se no U. D. Lérida, na época 1941/42 com 17 anos, logo como profissional, a médio direito. Antes havia jogado apenas em equipas escolares.*

*Foi campeão da III Divisão Espanhola na época 1947/48; na época seguinte 1948/49 ganhou o campeonato da II Divisão; em 1949/50 jogou na I Divisão de Espanha, descendo, novamente a equipa para a categoria inferior.*

*Em 1952/53 veio para Portugal, alinhando no Juventude de Évora, donde transitou para o Montijo.*

*Já jogou a quase todos os lugares, pois apenas lhe resta envergar as camisolas de guarda redes, defeso-esquerdo e extremo.*

*Prefere o lugar de médio-direito, aliás onde mais vezes tem alinhado*

*Os seus jogadores preferidos: Travaços*

*Depois do C. D. M. que muita simpatia lhe merece não nutre qualquer afeição especial por outra equipa.*

## Hóquei em patins

«A Província» atenta ao movimento desportivo do País, não pode deixar em claro a retumbante vitória dos nossos hoquistas no torneio de Montreux. Assim, daqui saudamos os valorosos representantes de Portugal, esperando que o próximo Campeonato do Mundo seja a confirmação da brilhante vitória agora obtida na Taça das Nações.

## Não pode ser!

A frequência com que os grandes jornais e a imprensa da especialidade, está referindo casos de anomalias, subornos, castigos e más vontades, tanto da parte de jogadores de futebol como de seus dirigentes, provoca em nós, e certamente em todos que de facto têm conhecimento, um sentimento de revolta e mal estar, que nos faz desejar, para já uma regulamentação geral, enérgica e moralizadora, a fim de que jogadores e dirigentes, possam enquadrar-se numa Lei, que de uma vez para sempre determine qual a situação do praticante deste desporto, que dada a sua projecção, está hoje, fora de qualquer comparação, com a prática de outras modalidades de revigoramento físico.

Não nos enganem.

Desporto — é desporto!

Mas futebol, — especialmente esse que por aí se anda a praticar por secretarias e cabines de clubes, à socapa, encapotadamente encobrindo conluios e práticas anti-desportivas, que merecem depois a sanção da D. G. de Desportos, isso não é desporto!

Tenham paciência! Nós, aqueles que, ao Domingo, com sol ou chuva, pagando o seu bilhete, pagando as suas cotas, pagando deslocações, pagando auxílios extraordinários, pagando para estádios, e especialmente pagando para ver um espectáculo desportivo, não podemos ser enganados... não podemos nem queremos.

Vêm estas considerações a propósito dos castigos aplicados na semana finda a dirigentes e jogadores de futebol.

Não nos interessa citar nomes, não é mesmo a nossa intenção fazer réclame ou criticar a acção pessoal deste ou daquele.

Interessa-nos sim a generalidade do problema, que dada a sua importância para o bom nome e prestígio da modalidade, precisa ser revisto nas suas linhas gerais.

Um Desportista

## Tauromaquia

Salvaterra de Magos abriu no passado domingo, as portas da sua Praça, para serem lidados 8 toiros da ganaderia de João Branco Núncio, e 1 de outro ganadero, que não conheci o ferro, pelos cavaleiros Simão da Veiga J.ª e João da Costa Laureano, e pelos espadas, Diamantino Viseu e Joaquim Marques, e serem pegados pelo grupo de forçados de Riachos, comandado por José Luis.

Os toiros, bem apresentados e com tipo, saíram mansos, à excepção do oitavo, um «gabonero» com nervo e certa bravura.

Simão, tanto no primeiro, como no seu segundo toiro, tentou em vários terrenos tirar partido do manso, conseguindo com muito trabalho sangrar algumas vezes, o que o público reconheceu e aplaudiu.

João da C. Laureano, o outro cavaleiro da tarde, apresentou-se bem montado e procurou luzir-se nalgumas sortes bem desenhadas, pouco conseguindo, em virtude da mansidão dos «bichos», ouvindo também aplausos, pelo seu trabalho.

Diamantino Vizeu, toureou o seu primeiro, luzindo-se num ou noutro passe isolado, pois do manso pouco se poderia fazer, podendo no entanto, no segundo que lhe coube, ter sacado faena ligada, e aproveitá-lo, pois o toiro tinha nervo, era nobre, e pode dizer-se bravo, deu na verdade muitos passes, mas quanto a mim, gostaria ver menos, mas com mais verdade, à semelhança do quite que executou, no segundo toiro do seu colega, em que, parou e mandou.

Bandarilhou com valor. No final de cada lide teve chamada, voltas e uma «orelha simbólica», esta, concedida pelo director, sem que o público pedisse.

Joaquim Marques, no seu primeiro toiro diligenciou com punção, conseguindo alguns bons passes, o mesmo acontecendo no segundo, pois se um saiu manso, o outro não o era menos, o último até com poder, cheio de sentido e difícil.

Bandarilhou os mansos com decisão; no fim o público aplaudiu.

Prestou provas para bandarilheiro profissional, o praticante Valério Samana, que usou bem do capote, e senão bandarilhou melhor, é porque o toiro de poder, não era nenhuma «fera», chamado e volta.

Os forçados pegaram bem, o que o público premiou com ovação e volta.

Brega acertada dos peões, assim como a direcção de Leopoldo Alves. A casa teve uma boa entrada, apesar do Sol a 30\$00 e a Sombra a 70\$00.

Um aficionado

### José Cipriano Sancho

SERRALHARIA  
MECANICA  
E CIVIL

Trabalhos de soldadura a electrogéneo e oxi-acetilénico com a máxima perfeição  
Rua Manuel Gomes Nepomuceno, 9-B  
MONTIJO

### José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edificação própria)  
Fábrica de Gasosas, Refrigerações, Soda Water, Licores, Xaropes, Juniper, Cremes de todas as qualidades, etc.  
Fabricos pelos sistemas mais modernos  
6-Rua Formosa. 8-Telef. 026 294  
Montijo

### Isto é Montijo

Horário

Rádio Peninsular:

2.ª e 5.ª-feiras, às 13,40 h.

3.ª-feiras, às 20 horas

Rádio Restauração:

Todos os dias, às 10,30 horas

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

**Luis Moreira da Silva**

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

# COLUMBOFILIA

## Galeria dos campeões

Coimbra-Montijo: 168,8 kl  
Pombos inscritos: 509

### Joaquim de Sousa Lopes fala para o jornal «A Província»

Joaquim de Sousa Lopes—o popular Joaquim de Lisboa excelente jogador de basquetebol do Clube Desportivo de Montijo, que com as suas fintas desconcertantes, e seu engodo pelo cesto, tantas jornadas gloriosas tem conseguido para a sua equipa, também é amador da columbofilia.

Desejando arquivar as suas impressões como vencedor do concurso a Coimbra, prontamente se pôs ao nosso dispor.

— Amigo Lopes, como encaraste a tua vitória?

— Nem sei como explicar, parece-me um sonho, eu que há quatro anos concorro, nunca tinha conquistado mais que um 5.º lugar.

— Admira-me bastante, pois possuis excelentes aves.

— Presentemente só 16, porque fui obrigado a vender 15. Encontro-me desempregado há seis mezes, e só eu sei os sacrifícios que tenho feito para as manter.

— Qual é a origem da tua colónia?

— Alguns da colónia de meu tio Maximo Borges, e outros do consagrado amador lisboeta Faustino Matos Cardoso.

— Concorres ao natural?

— Sim, porque desconheço outros métodos,

— Qual a alimentação?

— Lote vulgar.

— Quais os adversários que mais temes?

— Todos, porque possuem excelentes aves.

— Para terminar, quero agradecer ao jornal «A Província», porque nós, amadores montijenses nos sentimos orgulhosos, sensibilizados mesmo, por tão feliz iniciativa, que lhe desejamos um risonho porvir e a todos os meus colegas da columbofilia que lutem sem desânimos, porque perder e ganhar com desportivismo, é apanágio de todo o bom desportista.

— Obrigado Lopes, que teus desejos sejam uma realidade, são os votos do nosso jornal.

**Eduardo dos Santos Baeta**

## CONTRA A CASPA

Quer ter cabelos bonitos e abundantes? Use o **Petróleo Químico Jódigo**. Loção progressiva contra a caspa e a queda do cabelo. Vende-se nas farmácias e nas drogas; Depositário geral

**Diogo da Silva Salão**

Rua Joaquim de Almeida, 132

MONTIJO

## Sociedade Columbófila de Montijo

Classificações da prova Gaia-Montijo—269,9 kl

Classificação da prova Gaia a Montijo, 269,9 Km.

Cristiano José Moreira, 1.º e 4.º; Victor M. Martins Viegas, 2.º, 18.º, 27.º, 29.º, 32.º e 35.º; Diogo Mendonça Tavares, 3.º, 6.º, 20.º, 23.º e 30.º; Eduardo dos Santos Baeta, 5.º e 28.º; Jorge Sotano Lopes, 7.º, 15.º e 38.º; Raul Lopes Martins, 8.º; Eduardo Sabino Terras, 9.º; Joaquim Sousa Lopes, 10.º, 11.º e 33.º; Aldemiro Eduardo Borges, 12.º; Rosendo da Silva Samoreno, 13.º, 17.º e 40.º; Francisco J. Viegas Castro, 14.º e 16.º; Francisco J. Silva, 19.º e 24.º; José Correia Leite, 21.º; João Teodoro da Silva, 22.º e 37.º; António Fonseca Nunes, 25.º; Domingos Fernandes Silva, 26.º; Eusébio P. Oliveira, 31.º; José Constantino Borges, 34.º; José Amaro, 36.º; Reinaldo M. Bernardo, 39.º.

### «A Província»

ASSINATURAS

10 números — 10\$00

20 números — 20\$00

52 números — 50\$00 (um ano)

Provincias Ultramarinas e Estrangeiro acresce o porte de correio

## Torneio Popular de Futebol

Foi apresentado pela direcção do União Atlético Clube Afonsoeirense ao C. D. M., um programa elaborado por aquele pequeno clube, para que este patrocine, um torneio de futebol entre clubes amadores do concelho de Montijo.

Tem esta competição o fim de revelar novos valores para o futebol montijense. A direcção do Afonsoeirense convida todos os clubes amadores interessados nesta prova a fazerem a sua inscrição na sua sede.

### E' BOM DESPORTISTA?

Acompanhe o Clube Desportivo de Montijo às Caldas da Rainha

## Vem a Montijo?

Procure o

### Café Restaurante Barral

Rua da Barrosa // Telef. 026 202

Boas refeições aos melhores preços só no **BARRAL**

## Material Eléctrico

Cabos e fios condutores  
Baquelites — Porcelanas  
Iluminação fluorescente  
Material Estanque - Tubo Bergmann - Tubo de Aço

CANDEEIROS  
TELEFONIAS  
IRRADIADORES  
VENTOINHAS  
FRIGORIFICOS  
Etc. — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços

**ABEL JUSTINIANO VENTURA**

Praça da República—MONTIJO

## Português e Francês

Explicações a alunos do Ensino Lical e Comercial por ex-professor de Ensino Técnico e provisório dos Liceus, devidamente diplomado.

Lições individuais a adultos que pretendam adquirir cultura geral nestas disciplinas. Vai a casa dos alunos que poderão reunir-se em grupos de três. (Em grupos as mensalidades são beneficiadas do desconto de 20%.)

Dirigir-se ao professor Sousa Gago, rua Gago Coutinho, 106-B — Montijo.

RAPECC

Pintos de raça importados - Antigermina

Praça 5 de Outubro, n.º 8

MONTIJO

## Representações Agro-Pecuárias

Suplementos alimentares:

Penibédoze - Vitalon - Microvit - Peni-vitam - Sais minerais, etc.

## SALINEIRA MONTIJENSE

DE  
**JAIME PEREIRA CRATO ARAÚJO**

Sal para Consumo público, aos melhores preços do mercado

**A Salineira Montijense,**

Sempre pronta a bem servir, aguarda as ordens dos seus estimados clientes e amigos.

R. António Semedo, 12 (junto ao novo mercado)

MONTIJO

## SOCIEDADE MONTIJENSE

de Construções, L.ª

SERRAÇÃO-CAIXOTARIA  
CARPINTARIA  
Mecânica e Marcenaria  
Trituração de Cereais

Trabalhos em Alvenaria  
Ferragens, Ferramentas e Drogas  
Máxima perfeição na execução de Portas, Caixilhos, Armações, Portas frigoríficas, etc.

Orçamentos grátis  
☎ Telefone 026 366

Praça da República, 58, 60 e 61

MONTIJO

Estância de Madeiras nacionais e estrangeiras

Todos os materiais para Construção Civil

## PNEUS

**M A B O R**

Agência oficial:

Yiava & Filhos de Román Sanchez

## João Luís de Oliveira

Encarrega-se de todos os trabalhos de pedreiro e limpeza de prédios.

Trata na Rua Joaquim d'Almeida, n.º 59 — MONTIJO

## Sensacional!...

Baixa de Preços!...

Modelos desde Esc. 10.500\$00  
As maiores facilidades de pagamento

Agentes exclusivos:  
**MARPAL, Limitada**

Telef. 026 151 — Rua José J. Marques, 27

**MONTIJO**

O primeiro SCOOTER do Mundo

## Joaquim Mendes Capela

Máquinas de Costura  
HUSQVARNA — Balanças e Medidoras  
EXACTA — Frigoríficos — Rádios — Máquinas de Escrever — Motores de Rega e Eléctricos — Baterias — Esquentadores — Bicicletas — ARTIGOS PARA A INDÚSTRIA

RUA JOSÉ JOAQUIM MARQUES, 81  
TELEFONE 026 356 — MONTIJO

Execução esmerada de todos os trabalhos de

Carpintaria Civil e Mecânica

Portas Frigoríficas - Caixilhos em todos os géneros

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Rua Sacadura Cabral

Telefone 026 244

MONTIJO

## A TRIUNFANTE

CARPINTARIA MECÂNICA

DE  
**António Maria Calado**  
AGENTE DOS ESTORES «SIL, LDA.»

## DROGARIA ORIENTAL

de  
**José de Sousa Martins**

DROGAS, TINTAS e VERNIZES // ARTIGOS DE VASSOUREIRO e PINCELARIA

Vidros para vidraças — Louças em barro — Cal em pedra, etc.

Rua Joaquim de Almeida, 53 — Montijo

# do Minho ao Guadiana

TERRAS DA NOSSA TERRA

## A vila de Benavente

Ao seu velho amigo e colega, Dr. Gabriel Ferreira Lourenço, Presidente da Câmara Municipal desta vila ribatejana, oferece com um abraço o

Prof. José Manuel Landeiro

A vila de Benavente é de origem antiquíssima. O seu nome, no dizer de alguns filólogos, vem de *Bene-ventus*, que quer dizer feliz sucesso, certamente pela gloriosa vitória alcançada naquele lugar pelos cristãos contra os mouros. Há quem diga que esta vitória foi travada pelos cristãos contra os bárbaros do norte, no ano de 500 D. C., e não contra a moirama.

Os romanos chamavam-lhe *Aritium-Paetarium*.

A povoação deve ter origem no núcleo de estrangeiros, que se fixou ao sul do Tejo, na mesma altura em que outros dois núcleos se fixaram na margem norte do mesmo rio, dando origem à Vila dos Francos (Vila Franca de Xira) e Azambuja, e, um outro, na península da Arrábida, em Sesimbra.

Esta colonização fez-se em obediência ao plano do repovoamento do reino por D. Sancho I.

Benavente ficava nos li-

mites do Castelo de Coruche, da Ordem de Calatrava, e foi construída sob a égide e senhorio desta ordem militar. D. Afonso Henriques tomou-a aos mouros, mas deixou-a abandonada e assim se conservou até D. Sancho I.

Benavente constituiu o 2.º concelho ao sul do Tejo, tendo sido o primeiro Coruche, em 1182. Em 1200, D. Diogo ou Pelágio, mestre da Ordem Militar de Évora e bispo da mesma cidade metropolitana, reedificou-a, povoa-a e deu-lhe foral em 25/3/1120, que D. Sancho I confirmou, em Santarém, em 8/3/1200. Este mesmo foral foi confirmado, mais tarde, por D. Afonso II, o rei galo, em 1218; por D. João I, em 1404. D. Manuel concedeu-lhe foral novo em 16/1/1516. Benavente recebeu ainda privilégios dos reis D. Dinis e D. Fernando. Pertenceu ao Mestrado de Aviz, depois ao rei como grão mestre daquela Ordem. Nesta al-

tura havia ali um palácio real com tapadas, de que ainda há pouco existiam ruínas. Foi sede de condado, tendo sido seu primeiro titular, Rodrigues Afonso de Pimenta. O condado foi depois extinto.

Próximo da povoação houve um convento arrávido, fundado pelo Infante D. Luís, filho de D. Manuel I.

D. Manuel de Ataíde, 1.º Conde de Castanheira, mandou construir um palácio, a 2 km a NO da vila, de que ainda (1940) há ruínas.

A igreja matriz, começou a ser construída por D. Sancho I, mas só foi concluída no tempo de D. Pedro II. E do orago de Nossa Se-

nhora da Graça. Trata-se de uma construção ampla, elegante, e é sustentada sem colunas, num arranjo de admirável arquitectura.

Em Benavente, nasceram Frei António Álvares (século XVI), autor de «Silva Espiritual» e «Sermões»; Duarte Lopes, navegador (século XVI); Frei Jacinto de S. Miguel, falecido em 1741, autor do poema heróico sobre a vida de S. Lourenço Justiniano; Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valadares, escritor do século XVIII; Francisco Xavier Assis Pacheco, embaixador de D. José, na China; Dr. João Jacinto da Silva Correia, lente de medicina.

(Continua)

## Responda se é capaz...

Resposta às perguntas feitas no n.º 5 de «A Província»:

1 — D. Manuel I, nasceu em Alcochete, no dia em que nesta vila teve lugar a procissão do *Corpus Christi* ou *Corpo de Deus*. Precisamente, no mesmo momento em que nasce o futuro *Venturoso*, passava junto à porta do «palácio real», o pálido, sob o qual ia o Santíssimo Sacramento. Uma das damas da corte, que se encontrava à janela a ver a procissão, exclamou para o interior da régia casa, como que a chamar a atenção religiosa para este facto:

Emanuel! Emanuel! (Manuel), o que quer dizer, Deus connosco.

Em comemoração deste facto, deu-se ao real recém-nascido o nome de Manuel—Deus connosco!

2 — Na idade média, em que toda a península era infestada de gafos ou leprosos, havia anexo às misericórdias um hospital destinado a albergar estes doentes que, embora repugnados pelos sãos, tinham, como qualquer cristão, a obrigação de assistirem à missa nos dias de preceito. Ora, para se evitar a junção dos doentes com os sãos, estes ouviam missa dentro do templo e aqueles, fora. O sacerdote explicava do púlpito a uns e outros, o Evangelho, e por to-

dos era ouvido. Isto foi o que nós lemos em um manuscrito encontrado numa biblioteca de Madrid.

3 — As colunas que dividem as igrejas em três naves podem ser em número de 4, 10 ou 12. O número de quatro, representa os quatro evangelistas: São João, São Marcos, São Mateus e São Lucas; as de número de dez, os Dez Mandamentos ou Decálogo; e as de número de doze, os Doze Apóstolos de Cristo. Ora, é sobre os Evangelhos, o Decálogo e os Apóstolos, que assenta a Igreja Católica.

4 — A rua mais torta de Montijo é a Rua Direita, que antigamente ia desde o edifício da Câmara Municipal até à Igreja de S. Sebastião, primitiva igreja matriz de Aldeia Galega. Mais tarde, foi esta rua subdividida em Rua Almirante Reis e Rua Joaquim de Almeida. Toda esta rua se chamava Rua Direita, por ir dar à igreja matriz.

Em todas as povoações antigas há, pelo menos, uma rua direita. E dizemos uma, pelo menos, pois que há algumas que, possuindo mais de uma freguesia, tinham tantas ruas direitas como freguesias constituíam a povoação.

Penamacor, tem ainda hoje duas ruas direitas. Uma delas é a Rua Ribeiro Sanches e, a outra, fica dentro da fortaleza, que ia dar à igreja de Santa Maria, hoje demolida. Esta rua é direita no nome e na forma.

José Manuel Landeiro

Para boas fotografias

Foto Montijense

Café Portugal

SALÃO DE FESTAS no 1.º andar — SALÃO DE BILHARES com Snookers

SERVIÇO DE CASAMENTOS E BANQUETES

Com Salão Próprio

Praça da República

MONTIJO

## Ecos de «A Província»

Registamos mais os seguintes jornais recebidos na nossa redacção: «Litoral», «Odemirense», «Praia do Sol», «Correio da Beira», «Alvor», «Nossa Terra» e «A Voz de Alcochete».

Com a devida vênia, transcrevemos no nosso último número, do semanário «Notícias de Beja», o artigo «O homem e a máquina», de Narciso Mendonça.

Octávio de Campos, *paladino dos assuntos ultramarinos, que tanto tem pugnado para que a Mousinho de Albuquerque seja erguido um monumento, na capital, no ano corrente, em comemoração do centenário do seu nascimento, em breve iniciará a sua colaboração no nosso jornal.*

*Trata-se de um distinto escritor, cuja obra literária já tem merecido as atenções de escritores estrangeiros e que é redactor-correspondente em Portugal de vários jornais e revistas estrangeiras.*

*Por seu intermédio, recebemos a revista «Império», que se publica em Lourenço Marques e, «Le Bayon», revista literária francesa.*

Os nossos agradecimentos.

*Acusamos a recepção das seguintes obras literárias, que aguardam a respectiva crítica:*

«Talassocracia» — *Criticas amenas e apontamentos do Irmão Vigilante. Coleção Curiosa — 1954.*

«É preciso dar ao povo música da sua feição» — *Separata do jornal «O Distrito de Setúbal» — 1955. Autor: Pedro de Freitas.*

*Também o Banco Português do Atlântico nos enviou, em elegante brochura, o «Discurso pronunciado pelo seu Presidente, Sr. Arthur Cupertino de Miranda», que agradecemos.*

«A Voz de Alcochete» quis, muito gentilmente, saudar o aparecimento do nosso jornal, com palavras de apreço e louvor que muito nos desvanecem, além de que publicou grande parte do artigo de fundo do primeiro número de «A Província».

Porque sempre no nosso espírito tem predominado a ideia de unir pelos laços de amizade e boa vizinhança as nossas duas vilas, aqui deixamos expressos os melhores agradecimentos, esperando intensificar as nossas relações para bem das terras cujos interesses servimos.

«A Província»

ASSINATURAS

10 números — 10\$00

20 números — 20\$00

52 números — 50\$00 (um ano)

Províncias Ultramarinas e Estrangeiro acresce o porte de correio

# ALGARVE

(Conclusão)

Passada a praia de Monte Gordo muito frequentada de gente de Ayamonte e de Huelva, chega-se a Vila Real de Santo António, vila moderna, edificada pelo Marquês de Pombal, no lugar onde fora a povoação de Santo António da Arenilha, que o mar destruiu. Erguida pelo plano pombalino, com as suas ruas em esquadria, oferece uma certa curiosidade, e é bonita a avenida que margina o Guadiana. A povoação, por ser fronteira e por ser a bolsa da pesca do atum, tem movimento. Perto fica Castro Marim, com o seu castelo, do tempo de Afonso III, em ruínas, dentro de outro igualmente a arruinar-se.

Noutra colina fica o forte de S. Sebastião, do tempo de D. João IV, e, entre as duas colinas, a Ermida de Nossa Senhora dos Mártires. Subindo o Guadiana, a caminho do Pomarão, centro industrial, já fora dos limites da província (viagem que proporciona uma série de interesses panorâmicos), depara-se ao turista a vila

de Alcoutim, com o seu castelo em ruínas, e a sua Matriz, com um portal do Renascimento. Entre a Serra de Mu e o Guadiana, é que melhor se associa o «barrocal» com a «serra». O vale do Algibre, a jusante da freguesia de Querença, é de uma beleza selvática, como as naves das baixas de Salir; mas o Sotavento extremo é em geral pouco cultivado. As charnecas alternam com chãos descarnados.

A viagem pelo Guadiana, seja para o atravessar numa ida a Ayamonte, a respirar um pouco de ar andaluz, seja para o subir até o Pomarão, oferece um conjunto de aspectos muito de apreciar.

O Torno da Pinta é um dos mais lindos cotovéis do rio; depois é Alcoutim, defrontando San Lucar do Guadiana; a seguir — um lago de quando em quando — o pitoresco das margens fragosas e da vegetação escura das encostas, onde, às vezes, branquejam as amendoeiras.

# Porta aberta

SECÇÃO DEDICADA À COLABORAÇÃO DOS LEITORES

## O sonho do advogado

Ele pôs-se a recordar o seu passado.

Aluno talentoso da Universidade, conseguira à força de valor próprio, concluir brilhantemente o curso de advogado. Lutara contra a adversidade, mas acabara por vencer.

Algumas causas ganhava por si, e em que ninguém confiava, atestavam bem a sua personalidade.

A sua conduta não era isenta de censuras, quanto a si o seu maior erro foi aquele estúpido amor com a empregada da leitaria da esquina. Era bonita e boa rapariga, mas incompatível com a sua posição na esfera social. Ela estava para ser mãe! Às vezes pensava em reparar o seu erro, mas, a seguir analisava os factos, e achava tal ideia impossível, e punha-a de parte.

Fatigado de um dia de trabalho adormeceu.

Mas, se o corpo repousava inerte sobre o leito, o pensamento vogava distante. O céu resplandecia à luz da aurora, os malmequeres e as alcaçofras descobriam a corola que as pétalas resguardavam do orvalho da noite, as aves cantavam seu hino de louvor ao Criador acompanhadas pelo tilintar das campainhas dos rebanhos; e nesse prado onde as abelhas se afadigavam de flor em flor buscando néctar, um homem e uma mulher jaziam no macio tapete de relva. O advogado aproximou-se, os seus olhos dilataram-se de espanto ante a cena que se lhes oferecia: A mulher, era a jovem sua amante, o homem seu sócio; e antes que um pensamento lhe germinasse no cérebro, do peito da rapariga voou uma pomba bela como um pensamento puro, do homem abandonou seu peito um monstruoso corvo negro como a alma de Judas.

As duas aves subiam em espiral pelo azul do céu. E, caso estranho o jovem advogado acompanhava as evoluções das aves como se estivessem a metros apenas de distância. Sem poder desfitar os olhos, assim as viu chegar ao céu. Dividia-se este em duas partes: uma linda como um dia

de Primavera, em cujo centro Jesus brincava com pombas e serafins, a outra era negra como breu, tornando-se às vezes rubra pelas chamas que saíam das fendas.

Precisamente ao centro destes dois campos, a Deusa simbólica da Justiça, segurava na mão a balança justiceira. Os dois seres alados que haviam abandonado a terra poisaram um em cada prato da balança. E caso curioso o corvo enorme foi erguido aos ares quando a minúscula pomba pousou no outro prato.

De novo voaram aos ares, a pomba foi pousar sobre Jesus enquanto o corvo se perdia nas trevas.

O advogado acordou e ficou a meditar no sonho que tivera.

Lândido Tavares Rosa da Silva

## Perdão...

Bem hajas doce luz amortecente, Que alumias este coração, Deixando bem clara a dor pungente, De quem foi alegre e folgazão.

De quem só conheceu e mundanismo, E viveu do gozo e do prazer, Deixando atrás de si o egoísmo, Sem pensar que havia de morrer.

Oh!... já sinto a alma em desatino, Separar-se deste ser peregrino E viver calma junto ao Omnipotente.

Oh! Sim! Mil perdões... pede mil perdões, Este corpo cheio de convulsões, Da morte atroz, horrível e fremente

Alfredo de Campos Lopes

## Primavera

Como és bela, ó Primavera!... Que maravilhas nos dás. Eterniza-te na terra Expulsa as estações más.

Sarilhos Grandes

Francisco Sacoto

## Assim não é desporto!

O desporto columbófilo é sem dúvida um dos mais belos que se pratica. Não só pela grandiosidade da sua beleza, como até pela grande utilidade que dele pode advir para a nação. Começaram os concursos, cruzam-se milhares de aves todos os domingos de norte a sul, em competição. Há corações inquietos, todos querem mostrar suas possibilidades, sentem-se orgulhosos, dos alados que com tanto carinho criam. É assim a columbofilia. Mas... que contraste, deste desporto, com um que se intitula tiro aos pombos. Enquanto aquele é praticado com amor, neste, só uma paixão existe, matar. Se a pomba é o símbolo da paz, como diz muita gente de alma sensível, porque não se envergonham de fuzilar esta ave inansísimas? De que servem uns troféus ganhos à custa do sacrifício alheio? Será isto desporto? Creio bem que não.

Eduardo Santos Baeta

## Correspondência

— Alfredo de Campos Lopes — V. R. de Santo António — Recebemos os dois sonetos. O melhor é publicado hoje. Deve cuidar da métrica e procurar outras formas poéticas mais fáceis. Experimente fazer quadras. Gostariamos de ver outras produções para ajuizar. Estaremos sempre com todo o prazer ao seu dispor.

— Francisco Sacoto — Sarilhos Grandes — Fazer versos, tem os seus preceitos. É preciso contar as sílabas e rimar. Ora algumas das suas quadras não só não rimam como têm versos com número de sílabas irregular. Publica-se a única que se salvou. Aconselhamos a comprar um bom livro onde possa estudar a metrificacão. Não desanime!

— Cândido Tavares Rosa da Silva — Montijo — Recebemos em devido tempo as suas produções. Esta secção não pode aparecer em todos os números do nosso jornal, por falta de espaço, no entanto faremos o possível por a incluir o maior número de vezes. Sinceramente o aconselhamos a dedicar-se mais à prosa. Os seus versos são ainda muito fraquinhos.

## MENDICIDADE

(Continuação da página 3)

mendicidade, pois que é de facto alarmante o número de pobres pedintes que atravessam as nossas ruas e muitas vezes entram no mesmo estabelecimento duas e três vezes no mesmo dia de sábado. Mas ainda pior é que 70% ou 80% desses pobres não são daqui naturais, nem sequer aqui vivem. Ainda no passado dia 20 quando do jogo com o Torriense, se postaram alguns pobres com aleijões, na rua da Aldeia Velha, mostrando-os a quem passava e pedindo a sua esmola. Nenhum era de Montijo! Mas aos olhos de centenas de forasteiros que nos visitaram, todos esses pobres são de Montijo! O que por certo produziu um efeito que todos nós desejaríamos evitar. E como evitar isto? Confiemos no Ex.<sup>mo</sup> Sr. Chefe da Polícia, e deixemos que ao sábado se peça esmola, mas só os pobres de Montijo, porque temos de concordar que não será só com a sopinha que a Santa Casa da Misericórdia lhe dá, que eles podem viver, e neste caso todos podemos colaborar dando esmola só aqueles pobres, muitos nossos conhecidos e que são os pobres de Montijo.

Agradecendo a V. Ex.<sup>a</sup> a sua atenção para estes factos e outros que possam contribuir para o engrandecimento de Montijo, sou com toda a consideração

Laura Bernardes

«O Sonho do Advogado» sai hoje. Esperamos mais tentativas, pois é assim que se começa. Cá estamos prontos para o ajudar.

— Maria Eduarda — Lisboa — Mandei sempre minha senhora. «A Província» terá muito prazer em publicar as suas reportagens. É uma estreia? Tanto melhor. Cabe-nos a honra de a iniciarmos na ingrata faina do jornalismo.

— Santos Victor — Coimbra — Não senhor, não precisa ser assinante de «A Província». Pode enviar o que quiser a porta está aberta para todos os leitores.

## Uma toirada trágica

(Continuação da página 1)

só pode retirar com a protecção das autoridades.

Ingrata missão de quem dirige toiradas! Se tudo corre sem novidade, essa Direcção nem é citada; se qualquer coisa acontece, as culpas são sempre dele. —: Se ele mandasse assim... Se ele mandasse assado...

E, no entanto, sabemos perfeitamente que «muitas vezes manda-se bem e sai mal, e outras vezes mal e sai bem»!

Em casa, o infeliz José Peixinho, entregue aos cuidados do Dr. Cunha e Costa (irmão do grande causidico), continuava entre a vida e a morte. A sua robustez de atleta lutava contra o fim que se aproximava, mas teria que ser vencida na luta ingloria e fatal.

—No dia 18 de Junho, quarta-feira, às 8 horas da noite, o destemido, o arrojado, o valente moço de forcado fechava os olhos para sempre, deixando a sua mulher com um filhito nos braços e os seus amigos e admiradores mergulhados na maior desolação!

A noticia correu célere pela vila; e embora já fosse esperado o desenlace, a tristeza invadiu todos os lares e todos os corações.

Podia dizer-se, com propriedade e acerto, que o Ribatejo, — todo o Ribatejo! — estava de luto.

E assim acabaram trágicamente as festas do Espírito Santo, em Aldeia Galega, no ano de 1906!

Alvaro Valente

In «Pedaços deste Ribatejo»

Data boas Fotografias

Foto Montijense

## ANTIGERMINA

### RAPEC

Representações Agro-Pecuárias

Distribuidores nos Concelhos de: Montijo, Palmela e Alcochete

PRAÇA 5 DE OUTUBRO, 8 — MONTIJO

## Mistérios Rosacruz

Todo o investigador sincero que procure a suprema verdade e o poder místico conhecidos pelos antigos sábios, pode escrever solicitando um exemplar grátis do livro «O DOMÍNIO DA VIDA». Esta obra remete-se sem compromisso algum aos que desejem estudar a leis superiores da Natureza e da ciência mental.

ESCRIBANO III

Templo de A. M. O. R. C. (Parque Rosacruz) San José, Califórnia, E. U. A.

## Alfredo Sobral Dias

Oficinas:

R. José Nepomuceno, 21 - Telef. 026 322 MONTIJO

Pracete A. - lote 13

COVA DA PIEDADE

Mecânico

Reparações e Afiacões de Máquinas de

ESCREVER - SOMAR

CALCULAR - CHEQUES

Se quer vestir bem e barato

SÓ NA

Alfaiataria Progresso de ALMEIDA DE ALMEIDA

Execução perfeita

Corte impecável

R. Joaquim d'Almeida (vulgo R. Direita), 5-1.º-D.º MONTIJO

## SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados RÍCINO BELGA para abubo de batata. cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

## Sociedade Montijense de Representações, L. da

Agentes das melhores marcas de Aparelhos de Rádio MEDIATOR e MULLARD - Máquinas de Escrever, Calcular e Somar ROYAL, FACIT e SUMMA

R. Almirante Cândido dos Reis, 38 TELEF. 026 288 MONTIJO



# Pierre Curie

(Continuação da página 4)

limita-se a sentir a sua indubitável superioridade. Conversam sobre as leis de cristalografia. E ele assombrava-se. Quem é esta rapariga, pequena e nervosa, tão diferente de todas que conhece? Sabe que ela deseja cursar a Sorbonne e que nos exames do último ano obteve o primeiro lugar; sabe que vai doutorar-se em matemáticas, e que almeja um lugar onde possa instalar os seus aparelhos consagrados ao estudo do magnetismo dos açoes. Como é simples e natural esta jovem encantadora que conversa com ele, apaixonada pelos seus próprios problemas! Não é vaidosa; esconde um pouco as mãoszinhas estragadas pelos ácidos do laboratório e sorri tristemente, com seus misteriosos olhos nublados, que prontamente se fazem enormes na expressão da inteligência.

A jovem torna-se senhora Curie; não tem senão um vestido e o de casamento é branco e azul. O seu matrimónio é tal como ela — que sempre odiou as cerimónias — o havia sonhado: não há véu, nem anel, nem banquetes. A expectativa e a inveja não foram convidados. E' a união profunda de dois sábios que se amam para sempre.

Durante quatro anos, em meio de misérias, lutas e fracassos, estudam os esposos num velho hangar onde instalaram o seu laboratório. Não obtêm nenhuma ajuda. Ainda repercutem sonoras no ar as palavras de Fouquier-Tinville, condenando o sábio Lavoisier à guilhotina: «A república não necessita de homens de ciência». O Estado não ajuda os esposos Curie.

Maria acode á voz de sua filhinha que a chama, e ao grave acento de seu marido que é absorvente e apaixonado; precisa constante-

# SOCOR

## Sociedade Transformadora de Cortiças, Lda.

Por escritura de 7 de Fevereiro de 1955 lavrada a fls. 9 v. e seguintes do livro n.º 2 B. do Cartório Notarial de Montijo, entre VICTOR SANCHO NEVES, MANUEL DA COSTA e ANTONIO DOS SANTOS COSTA, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º A sociedade adopta a denominação «SOCOR — SOCIEDADE TRANSFORMADORA DE CORTIÇAS, LIMITADA», fica com a sua sede nesta vila;

2.º A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se, para todos os efeitos legais, o seu começo, desde hoje;

3.º O seu objecto principal, é o exercício da indústria de cortiça, podendo, porém, explorar qualquer outro ramo de negócio, em que os sócios acordarem, desde que seja permitido por lei;

4.º O capital social é de 75.000\$00, em dinheiro, todo realizado e corresponde à soma de 3 cotas de 25.000\$00, cada, pertencendo cada uma delas, a cada um dos sócios;

5.º Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer, à Caixa Social, os suprimentos que esta carecer, para o bom andamento dos negócios, e nas condições que forem aprovadas em Assembleia Geral, e constarem da respectiva acta;

mente dela no laboratório. Até que uma noite, na obscuridade do laboratório, após múltiplas experiências, uma luzinha de estrela nasce ante os esposos Curie. *Ti-nham descoberto o Radium!*

**Maria Alicia Dominguez**

**Amândio José Carapinha**

AFONSOEIRO - MONTIJO

O feliz cauteleiro informa os seus Ex.ªs Clientes dos prémios grandes que já vendeu:

1347-10.000 contos-Lotaria Natal 1952

3206. 500 » -22.4.1947

7084. 500 » -3.º prém. Natal 47

992- aproximação-1.º prém. Natal 47

Faça as suas compras neste cauteleiro e terá muito dinheiro...

6.º

A cessão de cotas, no todo ou em parte, a favor de extranhos, fica dependente do expresso consentimento da sociedade, e dos sócios, individualmente, que, no caso de preferirem, pagarão a cota alienanda, segundo o balanço a que se procederá, para tal fim;

7.º

O sócio que quiser alienar a sua cota, assim o comunicará à sociedade, e aos restantes sócios, por carta registada, com aviso de recepção, indicando o nome do adquirente, e, se dentro do prazo de 30 dias, não receber qualquer resposta, poderá realizar, livremente, a indicada alienação;

8.º

A sociedade está representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, os quais ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e com ou sem retribuição, conforme for resolvido em Assembleia Geral e constar da respectiva acta;

§ 1.º

Para que a sociedade se considere obrigada, são necessárias as assinaturas, em conjunto, de 2 dos gerentes;

§ 2.º

Em actos de mero expediente, bastará, contudo, a assinatura de um só dos gerentes;

§ 3.º

Não pode a sociedade ser obrigada em letras de favor, fianças, avales, abonações ou outros actos e documentos, extranhos aos negócios sociais;

9.º

Os balanços dar-se-ão com referencia a 31 de Dezembro de cada ano, e dos lucros líquidos apurados, depois de deduzidos 5% para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das suas cotas; Na mesma proporção serão suportadas as perdas;

10.º

No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes, continuarão na sociedade, conservando-se a respectiva cota indivisa, e, devendo nomear, dentre eles, um que a todos represente na sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerencia;

11.º

Em todo o omissis regularão as disposições legais aplicáveis;

Montijo, 30 de Março de 1955.

O ajudante do cartório

**Manuel Cipriano Rodrigues Futre**

# CONCURSO

## O Campeão de «A Província»

Depois de um dia de descanso, os concorrentes voltaram à grande competição.

Os três primeiros classificados mantêm as suas posições. Do 4.º classificado em diante, uns foram-se abaixo das «canetas», outros guindaram-se aos lugares «perdidos». Destes últimos há a destacar os srs. Afonso da Silva Campante, um incansável correspondente, e Eduardo Santos Baeta, um assinante que, como bom columbófilo, quer acompanhar os seus pombos nos grandes «voos».

Destacamos ainda uns «pulinhos» dados pelos srs. Álvaro Serra e Eugénio Vieira Branco, este senhor apresentando até uma notável lista de experiências que, por enquanto, não poderão ser consideradas.

E agora, srs. concorrentes, mais prémios!

O 3.º classificado, além de outros prémios, terá à sua ordem 250 «palhaços» confeccionados na Casa da Moeda.

E meus senhores, isto não é nada... porque, canetas, lapiseiras, livros, etc., etc., são aos molhos... aos molhos.

E agora toca a pedalar!

### Condições gerais do concurso

- 1.º — Todos os leitores ou leitoras podem concorrer.
- 2.º — O concurso terá a duração de seis meses, com início na data do primeiro número do nosso jornal.
- 3.º — O concorrente que durante o prazo do concurso consiga obter o maior número de assinantes será proclamado *O Campeão de «A PROVINCIA»*.
- 4.º — Em todos os números do nosso jornal e até fim do concurso, será indicada a classificação semanal dos primeiros dez concorrentes.
- 5.º — Ao concorrente proclamado *Campeão de «A PROVINCIA»* será entregue a quantia de MIL ESCUDOS.
- 6.º — Serão ainda contemplados com prémios que oportunamente iremos anunciando todos os concorrentes classificados até ao 10.º lugar.

*Aviso importante:* Os prémios só serão entregues, depois de os assinantes propostos efectuarem o pagamento das assinaturas do nosso jornal.

Monde hoje mesmo a sua primeira lista

### Classificação na 5.ª etapa

1.º — D. Maria da Conceição dos Santos	— Montijo	— 90 pontos
2.º — Manuel Militão de Carvalho	— »	— 32 »
3.º — António Lucas Catita	— »	— 25 »
4.º — Afonso da Silva Campante	— Tramagal	— 15 »
5.º — Eduardo Santos Baeta	— Montijo	— 14 »
6.º — Eugénio Vieira Branco	— »	— 9 »
7.º — Álvaro Serra	— Montijo	— 8 »
8.º — António Sampaio Martinho	— Canha	— 8 »
9.º — Francisco Piedade Martins	— Montijo	— 5 »
10.º — Jacinto Caria	— Sarilhos G.	— 4 »
11.º — Jaime Gonçalves Cosme	— Lisboa	— 4 »
12.º — D. Izilda Coelho Sampaio	— V. Novas	— 3 »

Folhetim de «A Província»

N.º 5

# O segredo do espelho

por

*Augustus Muir*

Tive uma pequena hesitação, por fim resolvi-me:

— Pois bem! Porque vivia o meu avô, aqui há mais de um ano como um eremita? Somente o acompanhava Dunstan e a mulher, não queria mais criados, e nunca saiu fora dos limites da sua propriedade. Ora, meu avô, não era um doente, pelo contrário, gozava de saúde e era um homem bastante vigoroso.

O pensamento que vou exprimir, poderá parecer um pouco absurdo, mas é indubitável que, em tudo isto tem que haver qualquer coisa.

Dunstan, disse-me que não sabia explicar o caso. E vós «Mister» Paul?... Podeis dar-me alguma ideia sobre o assunto?

O homem ficou calado, com ar sombrio.

— Conforme — murmurou — podia ter muitas ocupações em *Falcon Castle*.

— No inverno? Duvido. Tanto mais que era um espírito vivo e alegre. O advogado de Londres, insinuou-me vagamente que Félix Swinburn tinha levado uma vida num nível extremamente elevado. A tal ponto que dissipara a sua grande fortuna, ficando

sem um «chelin». O othar de «Mister» Paul iluminara-se.

— Então, isso explica a sua reclusão voluntária.

— Não. — repliquei — Meu avô ficou completamente reduzido à miséria, mas um ou dois anos depois voltava a gastar somas consideráveis. Se passarem uma vista de olhos pelo «Castelo» verificarão que tudo quanto o decora é bom e caro, havendo até algumas preciosidades.

Mas o que tanto o advogado, como eu, não podemos ainda descobrir, é de onde vinha esse dinheiro. Tudo isto me parece bem extraordinário. Penso que talvez «Mister» Paul, possa sugerir alguma explicação.

O homem mordeu os lábios.

— Talvez «Mister Swinburn, se dedicasse a representações financeiras?

Não se encontrou qualquer documento?

— Nenhum — repliquei — E já analisei todos os papéis com a maior atenção.

— Todos?

— Todos aqueles que encontrei.

— Parece-me bem, que não o poderei elucidar em nada — disse «Mister» Paul.

Tive a impressão de que aquele homem não estava sendo franco para comigo. Era evidente que tinha iludido a pergunta, quando eu pretendia saber o motivo da sua visita, e de Miss Lucille Paradenne.

Falando-lhe, como o havia feito de uma maneira tão íntima de meu avô, esperava que me tivesse respondido com a mesma confiança.

Mas ambos ficaram silenciosos.

Daria qualquer coisa para saber que se passava no seu espírito.

De tudo que observara, uma certeza me restava: tanto o homem como a sua insinuante companheira ti-

nham ficado fortemente impressionados com a notícia da morte de meu avô.

Decidi mudar o rumo da conversação.

Depois de ter falado mais de uma hora sobre generalidades banais, fiz saber que era o momento de nos recolhermos e saí do apartamento para verificar se Dunstan tinha preparado convenientemente os quartos para os meus misteriosos hóspedes.

Quando voltei à casa de jantar, encontrei «Mister» Paul, em frente da janela. Tinha-a aberto e olhava com curiosidade para fora.

A minha entrada assustou-o.

— A neve continua a cair — disse.

— Sim, amanhã muitas milhas em redor, tudo estará bloqueado — respondi.

(Continua)



## CURIOSIDADES Para rir!...

### O primeiro «Arranha-céus»

O primeiro «Arranha-céus» que surgiu em território da América do Norte, foi erigido em Chicago, em 1884.

Foi um acontecimento memorável. O edifício tinha apenas 12 andares, mas considerava-se essa obra como sendo duma audácia extraordinária para a época. Levantavam-se além disso sérias dúvidas quanto à solidez da construção e o público obstinava-se, tanto quanto possível, de circular nas imediações do edifício.

### O motor mais pequeno do mundo

Em Zurich, num concurso de mecânica de precisão ali realizado, obteve o primeiro prémio o construtor Huguenin, que apresentou um motor minúsculo, verdadeira maravilha no género. Pesa 16 centigramas e tem 3 milímetros e meio de altura. O seu tamanho é aproximadamente, o duma cabeça de fósforo. Apesar disso, funciona perfeitamente, consumindo cinco milésimos de «Watt». Realiza 3.000 rotações por minuto e pode ser alimentado por corrente contínua ou alterna.

### Bilhetes de identidade para cães

São tão frequentes os roubos de cães na Inglaterra que a Liga Nacional de Defesa Canina criou uma documentação especial para cada exemplar. Em geral, poucos são os proprietários dum cão desaparecido que possam identificá-lo com segurança.

A referida documentação inclui as medidas da estatura e largura do pescoço, referências acerca do pelo, etc.

Apresenta, ainda, uma fotografia, bem como indicação sobre o «pedigree» e instruções sobre raças, patentes e a forma de recuperar o cão.

### Os jornais no Japão

A imprensa japonesa é a mais poderosa do mundo, e muito lida porque não há a bem dizer alfabetos no Japão. Além de uma quantidade grande de outros jornais, o «Asahi» de Tóquio, o «Asahi» de Osaka, o «Nichi-Nichi» de Tóquio, e o «Mañichi» de Osaka, tiram todos os dias milhões de exemplares, dos quais cada um tem 20, 30 e 40 páginas. Não há nada que se lhe possa comparar nem em Paris, Londres ou Nova-York.

### Sabe tudo?...

— O chá preto e o chá verde não são duas qualidades diversas de chá, mas sim a mesma, preparado diferentemente.

O chá verde faz-se esterilizando-o ao vapor ou a um calor seco para evitar a oxidação ou fermentação da folha; o chá preto faz-se deixando as folhas fermentarem. Algumas plantas de chá adaptam-se melhor a um processo do que a outro, mas todas elas se podem tornar em qualquer dos chás, preto ou verde, usado no comércio.

— *Camarinha*, é o fruto de um arbusto redondo e branco como os aljôfares grandes (pérolas), cuja planta é uma espécie de urze. Esta fruta é muito fresca e corta as febres pelo azedinho que tem, e é excelente para matar as lombrigas.

Afirma-se que somente em Portugal se cria esta planta.

— Em 1579, Henrique III, rei de França, fez publicar uma ordem proibindo aos «casados e vivendo com suas mulheres irem comer e beber às tabernas ou hospedarias». O mesmo rei — abstémio e muito severo — encarregou os governadores provinciais de limitarem as zonas de cultura da vinha, que ameaçam ultrapassar, em área, as destinadas ao cultivo do trigo.

O juiz: — Não compreendo como um homem tão pequeno como é o reu, podesse atirar ao chão um tão alto e forte como o queixoso.

O advogado de acusação: — Fê-lo com a ajuda de um automóvel, sr. dr. juiz.

Um vagabundo, passando pela porta dum restaurante e cheirando-lhe a carne assada, voltou-se para um polícia e disse: — Veja lá, senhor guarda, se isto não é uma provocação...

### Leia e medite

Os mais desgraçados não são os que sofrem as injustiças, mas sim os que as cometem.

Montesquieu

Nem sempre sabemos quando nos estimam, mas sabemos quase sempre quando não somos estimados.

Mauriac

Que cada um julgue conforme a sua opinião pessoal, baseando-se nas suas próprias leituras, e não segundo o que os outros lhe dizem.

Einstein

### Sabe matemática?

1 — Andando um pastor, num prado, a apascentar umas vacas, e sendo-lhe perguntado quantas eram respondeu:

Se tivesse o dobro das que tenho, mais metade delas e mais oito, teria 128.

Quantas eram?

2 — Entrando, um dia, numa cavalaria dum quartel de cavalaria de Lisboa, um sargento contou as pernas dos soldados e dos cavalos que ali se encontravam e contou 740. Se os soldados tivessem quatro pernas em vez de duas e os cavalos duas em vez de quatro teria contado 580.

Quantos eram os soldados e os cavalos?

## PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTAIS:** 1 — História ou narração organizada ano por ano; trabalho num navio. 2 — Que tem génio brando; enfeitar. 3 — Ovário dos peixes; casa; greda. 4 — Cursos de água natural; abatimento que se faz no peso de uma mercadoria atendendo à vasilha em que é transportada. 5 — Ditongo; artigo definido. 6 — Pequenas igrejas que se erguem geralmente no campo. 7 — Pertences; climas. 8 — Regaço; grande receptáculo de tecido ou couro aberto em cima e cosido dos lados. 9 — Reza; ditongo (pl.); espaço de tempo. 10 — Instrumentos musicais; lugar de contenda. 11 — Fechava as asas para descer mais depressa; objectos de madeira.

**VERTICAIS:** 1 — Fruto da amoreira; repetes. 2 — Barco grande; ris. 3 — Individuo de pequena estatura; gruta. 4 — Nota musical (inv.); trabalho feito à noite; atmosfera. 5 — Substância que dá gosto à comida; parte das aves que servem para a locomoção. 6 — Doutrina dos ateus. 7 — Costume; figura simbolizadora da América. 8 — Atmosfera; enganos; nota musical. 9 — Título dado os antigos reis do Peru; gostes. 10 — Conta; faz sinal. 11 — Superfície plana; medidas antigas.

### Solução do Problema N.º 6

**HORIZONTAIS:** 1 — Lusitania. 2 — Ilustrada. 3 — Aa; va. 4 — Me; salvè; em. 5 — Im; lo. 6 — Montijo. 7 — Os; se. 8 — Sa; vivei; os. 10 — Cati-varas. 11 — Província.

**VERTICAIS:** 1 — Amigos. 2 — Li; em; sa; cp. Ula; par. 4 — Suas; to. 5 — Is; iv. 6 — Tt; vi. 7 — Ar; an. 8 — Nave; rc. 9 — Ida; mai. 10 — Aa; el; so; sa. 11 — Amores

### Problema N.º 7

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

José António Moedas

## Lenda do beijo

Foi numa noite, já não sei quando  
Que no sertão, a Lua fagueira  
Afastou uma nuvem, namorando  
A linda e graciosa Palmeira.

Pediu-lhe os braços,  
Pediu-lhe abraços,  
Unindo os laços  
P'los troncos baços;  
A Lua sorriu,  
Um beijo s'ouviu,  
Uma estrela fugiu,  
Rubor sentiu;  
Palmeira contente,  
Quebra pendente,  
Na noite inocente,  
Sonho vidente;  
A noite quieta,  
Do sono esperta,  
Palmeira aberta,  
A Lua deserta;  
A Palmeira chorou,  
A noite alto falou,  
A Lua s'afastou  
E a terra, acordou!

E neste idílio de prata em flor,  
No doce enleio de um arpejo  
Canta um mestiço trovador,  
A Lenda do primeiro Beijo!...

NUNO DE MENEZES

## O olho eléctrico

A electricidade, que hoje domina o mundo, veio suplantando a força a vapor e outras forças motrizes e depois das maravilhosas descobertas da rádio e da televisão, surgiu a célula foto-eléctrica ou, antes o «olho eléctrico» como é mais conhecido. Esse pequeno invento, de aparência modesta, é porém de utilidade universal pelas suas múltiplas aplicações.

Resume-se num disco de cobre com uma capa de óxido num dos lados; todavia, é tão sensível à luz como o próprio olho humano.

E o que mais admira é que a sua sensibilidade em relação às cores visíveis é quase igual à dos nossos olhos, tendo em conta que o nosso sistema visual é constituído pelos mais complicados órgãos do corpo humano e que o «olho eléctrico» se resume numa simples placa de metal oxidado.

Ao contrário dos nossos olhos que precisam de cérebro para transformar as suas impressões em acções e reacções, a célula foto-eléctrica é capaz de transformar, directamente, a força luminosa em força eléctrica — quer dizer, é um gerador em miniatura, impulsionado pela luz. Por exemplo, se alguém interceptar um raio de luz focado para o «olho eléctrico» automaticamente fará soar uma campainha de alarme. Se se dirigir a luz dos

faróis dum automóvel, para a célula colocada à entrada da garagem, a porta desta abrir-se-á rapidamente. Se qualquer pessoa se acercar da vitrina exterior de um estabelecimento, a sua sombra corta a ligação entre os raios invisíveis de uma luz débil e a pequena célula, e logo se ilumina a montra.

As aplicações da célebre invenção são múltiplas. Assim ainda não há muito tempo, nas estradas da Califórnia se instalaram numerosos «olhos eléctricos» afim de se contar o número de carros que nela circulam.

O Exército norte-americano, adoptou um invento semelhante para regular os seus projectores de grande potência.

Hoje, muitas são as máquinas que apresentam uma célula foto-eléctrica destinada a proteger o operário de qualquer acidente.

Até no campo do desporto o «olho eléctrico» se tornou utilíssimo para acusar as mais pequenas fracções das médias alcançadas especialmente nas corridas pedestres, automobilistas, etc.

Como se vê, este invento é um dos mais notáveis dos últimos tempos.

Pena é, que em Portugal não esteja difundido convenientemente.

**Pneus MABOR** MEDIDAS EM STOCK PARA

MONTAGEM Automóveis e Camions

e assistência técnica Gratuitas

Representante Oficial: **MARPAL, L.º**

Rua José Joaquim Marques, 27

Telefone 026 151 MONTIJO